

Vinho atrai 30 mil pessoas em Domingos Martins

A chuva não chegou a atrapalhar o III Festival Internacional do Vinho, realizado neste final de semana em Domingos Martins, mas o volume de pessoas — este ano, mais de 30 mil — começa a dar os indícios de que o município já não suporta um acontecimento dessas proporções. Registraram-se falta de alimentos, vagas em hotéis e, principalmente, infra-estrutura urbana, com toda a cidade parando num verdadeiro engarrafamento.

Segundo o vice-cônsul de Portugal, Joaquim Baraona, um dos organizadores do Festival, a tarefa mais difícil da promoção foi o controle de preços. Na verdade, esta foi a principal reclamação dos participantes. Preço alto dos vinhos e dos serviços prestados marcaram o III Festival Internacional do Vinho.

Animação

Foram literalmente três dias de festa. Na sexta-feira, abertura oficial do Festival, mais de 5 mil pessoas invadiram a pequena cidade de Domingos Martins, estimulados pela oferta de bebidas e pelas programações culturais paralelas, que este ano além da apresentação de músicas regionais, notadamente sertanejas, ampliou para os domínios do rock.

No pavilhão de exposição de vinhos, trinta stands de distribuidoras industriais não foram suficientes para todos os consumidores. As barracas externas, cerca de vinte, e de características caseiras, dividiam a disputa entre os participantes. O consumo foi grande, como afirmou Rosa Rhewalter, da barraca de dona Nina, que este ano, ao contrário dos anteriores, registrou um dos maiores movimentos.

Problemas

Segundo disse, o Festival Internacional do Vinho precisa urgentemente de ser “olhado com mais carinho” pelo Governo do Estado, já que a Prefeitura Municipal de Domingos Martins não vem suportando a dimensão do evento. “O consumo está grande, e as pessoas querem festa, mas para isso tem que haver uma infra-estrutura”, disse Armando Scheffer, da mesma barraca e, para quem, “já é hora do festival deixar de trazer infortúnios”.

Esses infortúnios, apontados por Scheffer, são a falta de local para hospedagem e principalmente para as refeições, nestes dias de festival disputados intensamente entre todos os participantes. Para fazer as refeições a média de espera era de duas horas,



Fotos de Chico Guedes

A cidade parou três dias para atender os participantes, com muito vinho e música

ainda assim enfrentando filas e com uma certa paciência para o atendimento.

A reclamação maior era com relação aos preços. Um vinho de jaboticaba, em copo, estava por Cz\$ 10,00, enquanto o vinho branco e tinto estava por Cz\$ 5,00, ainda distantes dos Cz\$ 3,00 cobrados em Vitória. O garrafão de cinco litros, do tipo Ballardim, estava cotado a Cz\$ 50,00; de dois litros a Cz\$ 35,00; de um litro a Cz\$ 20,00. O vinho branco em litro estava a Cz\$ 60,00 (um litro); Cz\$ 80,00 (dois litros) e Cz\$ 100,00 a garrafa com três litros.

Exploração

Para Ana Elise Mascarenhas Diniz, que participou dos dois festivais anteriores, este ano a organização se preocupou com o espaço físico, deixando de realizar os shows musicais dentro do pavilhão de exposição e tirando os stands da ala central, o que facilitou o fluxo de pessoas. Em contrapartida, lembrou que, também ao contrário dos anos anteriores, a força policial foi pequena, como também foi mínima a preocupação dos organizadores em controlar os preços: “Nunca vi assim. Os preços estão acima dos cobrados comumente pelos bares. A gente vem aqui beber vinho bom, mas também não queremos ser explorados”, disse.

Se o trânsito congestionado e os preços

altos serviram para causar irritação aos participantes, a programação cultural e artística promovida paralela ao Festival Internacional do Vinho serviu para animar a população. Pagodes, shows sertanejos, danças folclóricas, desfiles escolares, sambão e rock marcaram a programação, todas elas intensamente assimiladas pelos participantes.

Consumo

Segundo Harry Barcellos, da barraca da Vivendas do Imperador, este ano o Festival Internacional do Vinho superou as expectativas, opinião compartilhada por Diomedes Berger, da comissão de organização. O movimento registrado, não suportou a força policial requisitada e por pouco o estoque dos vinhos não foi suficiente para atender os consumidores.

Na opinião dos distribuidores de vinho, o Festival começa a tomar as características desejáveis, com os consumidores exigindo melhor qualidade dos vinhos expostos e com um volume de vendas acima do razoável. A preocupação dos distribuidores, como disseram, é a comissão organizadora conseguir manter o mesmo ritmo do Festival, que a cada ano aglutina mais pessoas e necessariamente exige mais estrutura.

Na cidade, a caça aos eleitores

O quadro era irreconhecível. Engarrafamentos, bares, restaurantes e hotéis superlotados, ruas intransitáveis. Domingos Martins parou três dias para dar lugar ao III Festival Internacional do Vinho. De pacata, a cidade passou a ser agitada, com a animação tomando conta das ruas e da própria população que não conseguiu ficar imune ao acontecimento anual e já tradicional no município.

Os políticos foram os que mais aproveitaram a oportunidade, ao conviver com tantos eleitores juntos e, razoalmente embriagados. Quase todos os partidos estiveram ou foram representados tornando a cidade num imenso depósito de material de propaganda eleitoral menosprezado pela população, mais interessada em saborear as mais diversificadas safras de vinhos.

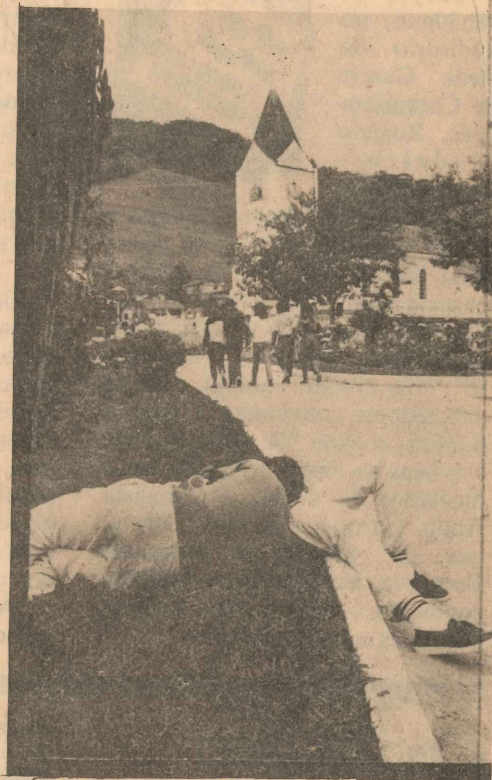
Oportunismo

A cidade era outra. As praças serviram como verdadeiros albergues para os menos receptivos ao vinho. A própria população, apesar de acostumada à invasão anual, ainda ficava perplexa diante das batucadas improvisadas e dos shows individuais promovidos ao longo do festival.

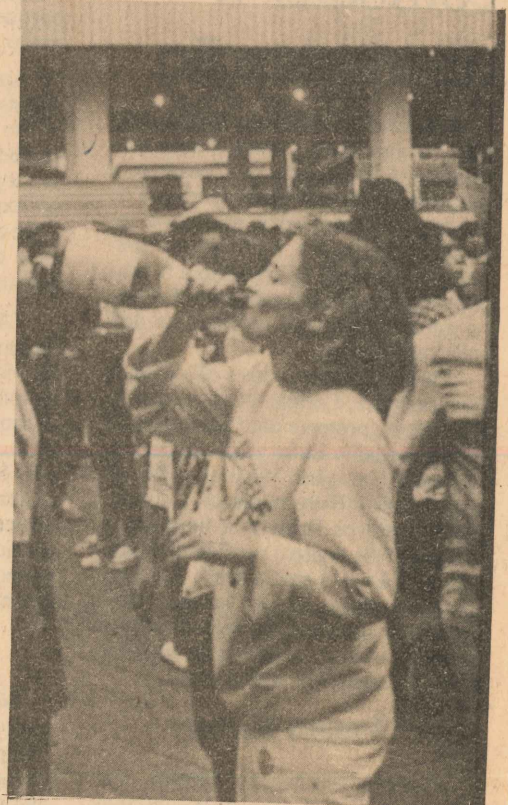
A invasão de políticos no entanto, conseguiu reduzir o brilho da festa. A bandinha do candidato do PFL, Elcio Álvares, foi a primeira a desmanchar o que poderia se chamar de desfile escolar — da escola Talma Sarmento de Miranda, de Campo Grande — invadindo a avenida e misturando palhaços e pernas-de-pau com estudantes, banda marcial e até com a rainha do Festival de Vinho, que por pouco, não teve seu traje descharacterizado pelos adesivos do candidato pefelista.

A oportunidade era única. Em domingos Martins estavam presentes eleitores de vários municípios. O candidato do PMDB à Assembleia Legislativa, vereador Ruy Crespo, também se manteve presente durante todo o festival, bem como a Ucis Municipal de Vitória, que não hesitava em fazer campanha em prol do candidato do PMDB, Max Mauro, a todos os consumidores que saboreavam as variedades da barraca.

Domingos Martins viveu três dias diferentes. Nunca se viu tantos bêbados pelas ruas. Mas isso não chegava a incomodar a população. Afinal, a renda conseguida com o festival justificava toda a alteração sofrida provisoriamente pela cidade. Os hotéis foram insuficientes para acolher todos os visitantes. Os restaurantes do centro da cidade chegaram a fechar no terceiro e último dia do festival, não suportando a demanda. Os locais para acampamento já estavam super-habitados e o jeito era o abrigo pelas redondezas, cujo movimento nada ficava a dever à sede do município.



Os embriagados se ajeitaram como puderam



A palavra de ordem era beber, beber...